

PEIXES NO DESERTO

Rodrigo Pires de Campos

Universidade de Brasília (UnB)

mail2campos@gmail.com

Resumo

O objetivo do texto é apresentar notas preliminares de registros e reflexões feitos a partir da experiência do autor em sua primeira viagem ao Namibe, Sul de Angola. A viagem inseriu-se no esforço coletivo de abertura de uma nova frente de pesquisa pelo grupo de pesquisa em Desenvolvimento, Cooperação e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília (UnB), e contou com o apoio e a parceria de universidades, do governo e de outras instituições angolanas. A viagem foi de cunho exploratório, com o propósito de reunir elementos para o desenho de pesquisas futuras no âmbito do referido grupo de pesquisa. Devido ao interesse pessoal do autor nos temas do comércio local, da cultura e do desenvolvimento, optou-se por buscar estabelecer um primeiro contato com o mercado do peixe local dada sua grande intensidade e destaque na região.

Palavras-chave: Peixe; Mercado; Namibe; Angola.

Abstract

The objective of this text is to present preliminary notes referring to records and reflections made from the author's experience during his first trip to the province of Namibe, Southern Angola. The trip was part of a collective effort to initiate a research path by the research group "Development, Cooperation and Culture" from the Graduate Program in Development, Society and International Cooperation of the University of Brasília (UnB), and counted on the important support and partnership from/universities, government and other Angolan institutions. The research trip was exploratory, with the purpose of gathering elements for the design of future study proposals within the research group. Due to the author's personal interest in themes such as local commerce and its dynamics in cultural and developmental perspectives, we sought to establish preliminary contacts with the fish market given its prominence and intensity in the region.

Keywords: Fish; Market; Namibe; Angola.

O objetivo deste texto é apresentar notas preliminares referentes a registros e reflexões feitos a partir da experiência do autor em sua primeira viagem à província do Namibe, Sul de Angola. De Brasília, o autor viajou a Luanda, Angola, em 21 de outubro de 2017. Depois de cumprir uma agenda de compromissos acadêmicos junto à Universidade Agostinho Neto¹, embarcou para a cidade do Namibe² e lá permaneceu entre os dias 27 de outubro e 02 de novembro do ano de 2017, sete dias ao todo. No dia 29 de outubro, realizou uma viagem à cidade de Tômbwa, mais ao sul do Namibe.

A viagem representou uma iniciativa de pesquisa exploratória pelo grupo de pesquisa “Desenvolvimento, Cooperação e Cultura”, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília (UnB), liderados e coordenados pela Profa. Dra. Selma Alves Pantoja. Além do autor, estava na viagem uma estudante de mestrado do referido Programa, Clarissa Corrêa de Carvalho, sendo o seu foco de maior interesse as mulheres empreendedoras da região.

A proposta de realização de pesquisa exploratória na região surgiu com a proximidade do encerramento do projeto de cooperação acadêmica intitulado “Leituras Cruzadas: África e Interdisciplinaridade”, realizado no período de 2014 a 2018 entre a UnB e a Universidade Agostinho Neto (UAN), Luanda, com o apoio do Programa Geral de Cooperação Internacional (PGCI) da Capes/MEC.

A região do Namibe foi escolhida como potencial nova frente de pesquisa para o grupo por diversos motivos, entre eles contatos anteriores da coordenadora com grupos e centros de pesquisa na região, a relativa baixa produção científica sobre a região nos campos das ciências humanas, sociais e interdisciplinares, e sua localização e caracterização geográfica peculiar: no encontro do deserto com o mar.

¹ No âmbito de uma cooperação internacional acadêmica entre a UnB e a Universidade Agostinho Neto (UAN), Luanda, com o apoio do Programa Geral de Cooperação Internacional (PGCI) da Capes/MEC, intitulado “Leituras Cruzadas: África e Interdisciplinaridade”, realizado entre 2014 e 2018

² Há décadas, mais especificamente desde a década de 1970, em especial após a independência de Angola, o nome Namibe concorre com o nome Moçâmedes, este último atribuído ao município no período de colonização portuguesa. Pouco mais de um ano antes da viagem relatada neste texto, em 27 de junho de 2016, o município sede da Província do Namibe passou a chamar-se novamente Moçâmedes, de acordo com uma decisão tomada no âmbito do Governo Local (ANGOP, 2016). Namibe, entretanto, como apresentado neste relato, permanecia em uso entre as pessoas da cidade e da região à época da viagem.

Por se tratar de uma viagem de cunho exploratório, e dado o interesse do autor em conhecer um pouco mais sobre a cidade e o seu comércio local em suas dinâmicas de desenvolvimento, cooperação e cultura, optou-se por buscar conhecer mais a fundo mercados de maior intensidade na região. Por sugestão da coordenadora do grupo de pesquisa, que já havia visitado a região anteriormente, vislumbrou-se a possibilidade de conhecer um pouco do mercado do peixe.

Uma das atividades econômicas mais importantes da região, a pesca e o mercado do peixe poderia ser abordada, conforme o planejamento prévio, a partir das perspectivas de “produtores” locais e “produtores” da grande indústria da pesca. A partir da viagem exploratória, definir-se-ia, futuramente, a pertinência e a possibilidade de abordar esse tema, bem como os potenciais recortes e espaços de pesquisa. Por ora, conforme indicado nos propósitos deste texto, apresentam-se notas preliminares referentes a registros e reflexões feitos a partir da experiência do autor em contato com diferentes perspectivas do mercado do peixe no município.

O local de hospedagem foi o hotel Chik Chik Namibe, hotel à época de propriedade de investidores chineses na região, situado na parte central da cidade do Namibe. A posição do hotel visava favorecer o estabelecimento de contatos com mercados de peixe da região. Muito mais importante do que a localização geográfica, o fator decisivo para o estabelecimento de contato com o mercado do peixe foi o conjunto de apoios oriundos da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, da Escola Superior Politécnica do Namibe, e de autoridades locais da província do Namibe. O autor expressa seus sinceros e profundos agradecimentos a todas as pessoas e instituições que apoiaram sua estadia e contatos de pesquisa na província, em especial ao Sr. Marcelino Pegivaldo e ao Prof. Dr. Hélder Pedro Alicerces Bahu, do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da província da Huila.

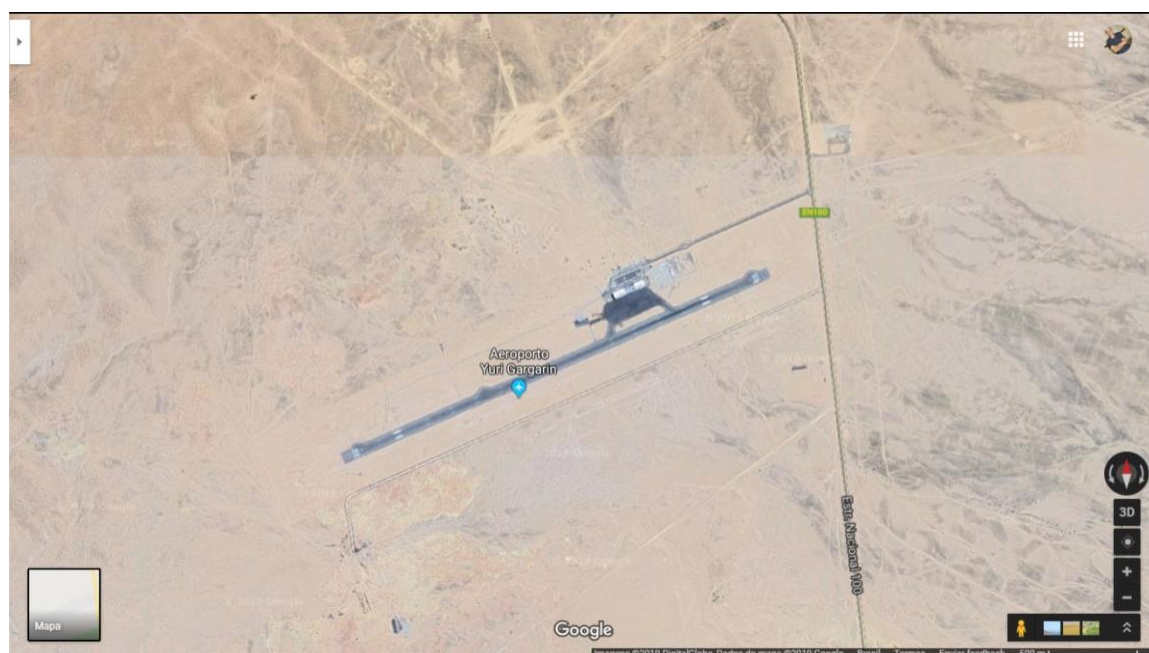
O relato e as reflexões aqui apresentadas estão organizadas em três partes. A primeira parte relata registros, impressões e análises dos pescadores locais artesanais, como são referidos pela imprensa local. O contato com esses pescadores, conforme evidencia o relato, não estava no planejamento original da viagem. A segunda parte trata do mercado do peixe próximo ao Porto Comercial do Namibe, onde se reúnem pescadores com maior estrutura de pesca e de acesso ao mercado. A terceira parte relata uma visita do autor a uma grande indústria de pesca

da região. Vale lembrar que o olhar do autor, como é possível depreender de seu vínculo institucional, busca concentrar-se em questões de desenvolvimento, cooperação e cultura, de onde emergem relatos e reflexões preliminares acerca da referida experiência.

1. Pescadores artesanais de linha do Namibe

No procedimento de pouso do avião que nos transportou de Luanda ao Namibe, da janela do avião, eu me surpreendia em ver, pela primeira vez na vida, uma cidade em meio ao deserto. Casas em meio à areia, traçados de rua sobre a areia. Tudo seco, deserto. Já no Aeroporto Yuri Gagarin, com sua pista de pouco pavimentada sobre a areia, viam-se pequenos montes de areia ao longe. Uma civilização em meio à vastidão e ao inóspito do deserto. As imagens aéreas do Aeroporto e da cidade dão uma ideia do local e da região como um todo.

Figura 1: Vista aérea do Aeroporto Yuri Gagarin, Namibe (Angola).



Fonte: (GOOGLE MAPS, 2019)

Figura 2: Vista aérea da cidade do Namibe (Angola).



Fonte: (GOOGLE MAPS, 2019a)

No trajeto do Aeroporto para o hotel, a pista de asfalto se estendia em meio à areia branca e seca. Pequenos arbustos, acinzentados, em meio à areia, espalhados por aqui e por ali. “– Como vocês vivem sem água?”, foi uma das primeiras perguntas que eu fiz ao Sr. Nélson. “– Nós temos água!”, respondeu-me com o olhar curioso de quem não entendeu bem a pergunta. Mais adiante, enquanto cruzávamos uma ponte, apontou-me para as areias sob a ponte e disse “– E aqui está o nosso rio!”. Perplexo, eu perguntei “– Que rio?”. “– Corre por baixo da areia,” respondeu-me prontamente. A sensação era de deslocamento total. Eu não conhecia nada ali. Minhas perguntas eram carregadas de equívocos. Diante de mim, uma oportunidade ímpar de aprender sobre um novo local, uma nova cultura, novas dinâmicas. Decidi me calar e repensar, ou ser mais parcimonioso, em minhas perguntas de estrangeiro.

Figura 3: Vista aérea em 3D das pontes sobre rio na Estrada Nacional 100, Namibe (Angola)³.

³ Na imagem do Google Maps, o rio se encontra parcialmente visível. Na ocasião da minha visita, estava absolutamente invisível aos olhos.



Fonte: (GOOGLE MAPS, 2019b)

Logo na chegada ao hotel da cidade, depois de darmos entrada e deixarmos as bagagens nos quartos, fomos conhecer as redondezas a pé e logo alcançamos uma avenida asfaltada em frente a uma bela praia. Maravilhados com a cor do mar e com a areia branca, atravessamos a avenida e, já no calçadão, enfeitado por pequenas construções de arcos de concreto, coloridos, embaixo dos quais havia bancos de madeira, tiramos os sapatos, dobramos as barras das calças e pisamos pela primeira vez na areia da praia rumo à arrebentação das ondas do mar. Quase ninguém nas redondezas. Praia praticamente deserta.

Aos poucos, enquanto caminhávamos pela areia, com os olhos fixos no belo azul do mar logo à nossa frente, sorrisos abertos pelo êxtase do contato com a beleza natural, passamos a sentir algum incômodo nos pés. Gradualmente, a esperada areia branca da praia revelava-se repleta de cacos de vidro, plásticos, restos de peixe e até fezes. Já sem os sorrisos abertos no rosto, deixamos o belo azul do mar de lado e passamos a olhar para o chão a fim de escolher com mais cautela onde pisar enquanto persistíamos em nosso curto trajeto a caminho do mar.

No ponto de encontro do mar com a areia o chão batido pelas águas se encontrava mais limpo e nele era possível caminhar com mais tranquilidade. Caminhamos na direção Norte,

rumo a uma ponta da praia que de longe nos parecia mais limpa e onde se podia ver uma grande embarcação naufragada, e aparentemente abandonada há muito tempo, encalhada antes da arrebentação das ondas. À nossa direita, agora mais ao longe, a uma distância que agora parecia de difícil transposição, a avenida asfaltada que corria paralela à praia, por onde havíamos iniciado o passeio.

A avenida à direita era interrompida nos portões de uma edificação cercada em toda a sua extensão: o Parque Campismo do Namibe. Sua cerca avançava sobre o calçadão e até mesmo a própria areia da praia, por 20 ou 30 metros, em direção ao mar. Continuamos a caminhada e, ao ultrapassarmos o outro limite da cerca da edificação à direita, avistamos à frente, um grupo de dez ou quinze pessoas reunidas na areia da praia. Dirigimo-nos até lá para tentarmos conversar com eles.

Pareciam pescadores. Com o olhar sobre o comércio local, do peixe em especial, logo entendemos que aquela poderia ser, inesperadamente, uma primeira oportunidade de conversa. Nossa aproximação aquietou o grupo por instantes. O sol forte já queimava minha cabeça calva. Passava das onze horas da manhã. Ali, naquele lugar, diante daquelas pessoas, eu me sentia mais branco do que nunca e mais estrangeiro do que nunca. Naquele local e diante daquelas pessoas, as roupas já pareciam absolutamente inapropriadas para o que deixava de ser um primeiro passeio bucólico pela cidade e pela praia.

Aproximamo-nos. “–Bom dia!”, dissemos em voz alta, o som da arrebentação do mar logo atrás de nós quase a encobrir nossas vozes. Responderam-nos com bons dias e sorrisos largos, amorosos. Ao nos aproximarmos um pouco mais, dissemos: “–Somos do Brasil”, duvidosos ainda se seríamos aceitos naquele espaço. Novos sorrisos, olhares trocados entre eles. “Do Brasil!” repetiam alguns deles, olhando-se entre si, olhos arregalados de um espanto evidente, mas sem pistas concretas dos sentidos que aquela referência estabelecia. Bem ao fundo, enxergávamos talvez uma vila de onde provavelmente vinham essas pessoas.

“–De onde no Brasil? O que fazem aqui?” um deles nos perguntou enquanto o grupo se reunia à nossa volta. Pesquisadores, da Universidade de Brasília. Iniciamos uma conversa bastante amigável, expressões de curiosidade dos dois lados. Logo atrás dos pescadores, à direita, chamou a minha atenção um homem que, em pé, lavava com um balde de água um

objeto fincado na areia, em posição vertical, com pouco menos de 2 metros de altura, 1 metro de largura e 50 cm de espessura. Jogava água no objeto, do alto para baixo, e o esfregava rapidamente com as mãos. De relance, com o brilho intenso do sol refletido na areia e na água que corria pelo objeto, tive a impressão de testemunhar um rito de lavagem de uma espécie de altar, com fins religiosos. Ao corrigir os olhos, tratava-se de um pescador jogando água doce sobre o que parecia agora ser uma embarcação.

“–É um dos nossos barcos.” disse-me o pescador que primeiro nos recebeu, notando meus olhos fixos naquela lavagem para mim até então quase mística. O esforço de correção dos olhos para enxergar ali uma embarcação foi grande. Eram bastante pequenas as embarcações. A palavra embarcação pode não ser exata para descrever o objeto. Tratava-se de um bloco na forma de um retângulo irregular, arredondado nas pontas, feito de materiais diversos como (segundo a explicação deles) isopor, madeira, espuma de enchimento de assentos (sofás, carros, etc.), tudo costurado com saco de estopa e impermeabilizado com piche de asfalto e capa isolante de fio elétrico de postes de energia elétrica da cidade descartados. Entre outros materiais.

Por conta da diversidade de materiais, as embarcações eram multicolores e muito diferentes entre si. Pode-se dizer que eram “improvisadas”, mas o que mais chamava a atenção era a criatividade da construção e, mais importante, sua engenharia, capaz de levar uma pessoa mar adentro e de garantir seu regresso à praia sem afundar em mar aberto. As embarcações eram o meio de sustento, de sobrevivência, daquelas pessoas e suas famílias. Com elas, pescavam-se peixes apenas com uma linha, um anzol e iscas feitas de pedaços pequenos de outros peixes.

Figura 4: Adolescente pratica a pesca artesanal de linha em Tômbwa, província do Namibe.



Fonte: (ANGOP, 2016)

Mostraram-nos seus peixes, limpos ali na beira da praia por mulheres que estavam por 10 ou 20 m distante de nós. Disseram-nos como eles chamavam este e aquele peixe. Alguns nomes de peixes eram idênticos aos que utilizamos no Brasil. Rimos juntos com cada nome em comum, felizes com a proximidade entre nós e ao mesmo tempo surpresos com nossas inesperadas conexões. Elogiaram-nos por nossa beleza brasileira. Contaram-nos que eles residiam ali mesmo, numa vila atrás da praia, e que muitos se tornaram pescadores porque viram os mais velhos sendo pescadores. Ficaram atraídos pela profissão de pescador. Queriam um dia ser como os mais velhos. Conheciam muito bem o mar, suas marés, suas correntes, suas estações, suas épocas, seus limites, seus peixes, e até mesmo os barcos e os cuidados de manutenção e reparo que estes, de construção tão peculiar, exigiam.

Viviam da pesca e do comércio de peixes. Para se alimentar e também para gerar renda e sustentar suas famílias. Quando pescavam um peixe maior, tentavam vendê-lo em restaurantes locais. Segundo eles, essas vendas a restaurantes geravam as melhores rendas. Em geral, quando não conseguiam peixes atrativos para os restaurantes, as mulheres saíam às ruas da cidade para tentar vender o resultado das pescas.

Os pescadores pareciam muito amáveis. Estávamos já nos sentido muito à vontade, confortáveis, apesar dos olhares desconfiados e inquisitivos das mulheres que limpavam peixes em baldes a certa distância. De repente se aproxima outro, óculos escuros, correntes douradas no pescoço, outro pescador, da mesma vila. Apresentaram-nos, dizendo que éramos brasileiros. Ele sorriu. Retribuímos o sorriso. Ele olhou de soslaio para as duas pulseiras de couro em meu pulso esquerdo, elogiou as pulseiras e arrematou: “–Eu quero as pulseiras.”

Imediatamente, dois dos pescadores levantaram a voz. “Porra, pára!” e “Não faz isso!” Da tensão do contato inicial havíamos passado para o conforto de uma conversa amigável e, agora, para o receio de estarmos ali, sozinhos, diante de uma comunidade sobre a qual pouco conhecíamos. Com calma, percebendo que nós éramos os invasores, de que estávamos no espaço deles, na vila deles, respondi que não havia problema nenhum e que eu daria as pulseiras como presente com a seguinte divisão: uma pulseira para o jovem que a pediu, e, antes que eu pudesse oferecer a segunda pulseira, outro pescador que conversava conosco se antecipou e a pediu para si. Olhei para o primeiro pescador, que nos recebera tão bem, e disse que eu havia trazido outras pulseiras, que estavam no hotel, e que eu levaria uma até ele antes de embarcar de volta para o Brasil. Ele sorriu agradecido.

Contaram-nos que alguns estrangeiros haviam feito um bom documentário sobre suas vidas, sua pesca, seus saberes. Disseram-nos que documentários ajudavam a sensibilizar governantes a respeito de sua situação, de suas vulnerabilidades. Perguntamos se os documentários estavam disponíveis e eles responderam que sim, pelo YouTube. Ficamos de procurar pelos documentários na Internet posteriormente.

Despedimo-nos e regressamos ao hotel, sãos e salvos, com uma sensação de pés muito sujos e com a certeza de que havíamos experienciado um rico contato com pescadores locais das margens da cidade. Esse contato acidental abriu para mim uma terceira perspectiva do mercado local de peixes, não prevista por nós à época do planejamento da viagem.

No dia seguinte, bem cedo, por volta das 7:00 hs da manhã, saí para correr próximo ao hotel. Segui caminhando até a avenida que nos levara à praia do dia anterior, mas desta vez segui para o outro lado, rumo ao Sul, pela mesma avenida asfaltada em frente à praia, na direção

do Porto Comercial do Namibe que se via ao longe, a cidade à minha esquerda, de onde eu via prédios do governo local, uma igreja, um antigo forte da cidade, entre outras construções.

Ao final da rua, bem próxima à entrada para o Porto Comercial do Namibe, o terceiro maior porto de Angola, menor apenas do que o Porto de Luanda e o Porto de Lobito, e de funcionamento ininterrupto, 24 horas por dia, uma baía com uma grande aglomeração de barcos (desta vez parecidos com barcos aos meus olhos) e de pessoas em torno de um mercado de peixes na rua. Ali conheci um pouco de outras realidades, diferentes dos pescadores artesanais.

2. O mercado de peixes próximo ao Porto Comercial do Namibe

Embarcações de vários tipos e tamanhos chegavam à baía próxima ao Porto do Namibe, carregadas de peixes. Boas embarcações, construídas em madeira, a maior parte delas equipadas com motores de lancha. Redes de pesca dobradas sobre elas. Peixes menores descarregados e vendidos em baldes, ali mesmo na rua. Peixes maiores descarregados no colo das pessoas por vezes seguiam para brevíssimas conversas que pareciam negociações de preço e dali diretamente para as carrocerias de carros utilitários de fregueses da feira.

Muitas mulheres auxiliavam no desembarque dos peixes e na disposição dos mesmos em baldes ou no próprio chão. Nas proximidades, um antigo galpão em mau estado de conservação em cuja entrada principal, no alto, se lia, em letras quase apagadas, “Mercado do Peixe”. Naquele horário, o comércio ocorria às margens da baía. Cachorros e aves ajudavam a povoar o local durante aquele comércio.

Figura 5: Embarcações de pescadores da baía próxima ao Porto do Namibe.



Fonte: (SAPO, 2018)

Nessa primeira e inesperada visita ao mercado do peixe localizado nas proximidades do Porto Comercial do Namibe, a vista da luz da manhã sobre as águas da baía e sobre as embarcações ali ancoradas me inspirou tirar uma foto. Imediatamente, sem pensar, eu retirei o meu celular do bolso e, com a câmera fotográfica acionada, mirei na direção daquele alvoroço do mercado enquanto eu buscava enquadrar a cena para um primeiro e belo registro fotográfico. De repente, uma voz em tom elevado me interpelou: “Opa! Para quem são essas fotos?”

Abaixei imediatamente a câmera, já arrependido da minha ação descuidada na empolgação do momento. Notei um grupo olhando em minha direção, caras fechadas. Não identifiquei a pessoa que me dirigiu a palavra. Estávamos separados por uma distância de 15 a 20 metros. Estiquei uma das mãos para o alto, aberta, numa tentativa de sinal de desculpas. Preferi não dizer nada e sair dali. Começava a compreender que palavras, as minhas palavras, de minhas referências, não eram solução nenhuma. Até mesmo o gesto de desculpas talvez não

fosse interpretado como eu imaginava. Eu estava perdido, sem ação. Aguardei por alguns instantes, imóvel. Como não escutei mais nada, e como ninguém veio em minha direção, eu apenas me virei de costas para o mercado e caminhei lentamente de volta para o hotel em silêncio, pela mesma rua que me levara até ali. Sem a foto.

Eu ainda retornaria para aquele mercado de peixe por duas vezes naquela passagem pelo Namibe. A segunda vez ocorreu logo na manhã seguinte, durante minha nova caminhada, desta vez sem qualquer câmera fotográfica em mãos. Aproximei-me em silêncio, desta vez misturei-me com as pessoas, vi os peixes de perto, grandes e pequenos. Escutei os preços. Escutei lamentos de mulheres sobre os baixos valores dos peixes. Observei as embarcações em silêncio. Constatei a grande diferença entre as embarcações que ali atracavam e as embarcações dos pescadores artesanais de linha, a menos de 3 km distantes dali, mais ao Norte, assim como a grande diferença entre os equipamentos de pesca ali disponíveis e a linha e o anzol dos pescadores artesanais. Julguei ter obtido sucesso em minha segunda tentativa de incursão no local. O meu silêncio parecia abrir portas para minha presença naquele local. Mais uma vez, eu estava enganado, como ficaria claro em minha terceira visita ao mercado do peixe.

Na manhã seguinte, eu li um pouco mais sobre a situação de pescadores artesanais de linha da região num artigo de jornal *online* chamado “Voa Português”. O artigo datado de 03 de dezembro de 2010 relatava um impedimento imposto pela Capitania do Porto da cidade aos “pescadores artesanais de linha”, restringindo 200 jovens da região de pescar. O impedimento foi justificado pela Capitania por questões de “segurança marítima”. Pescadores chegaram a ser presos, boias de pesca artesanal apreendidas, embarcações confiscadas, com grandes impactos sobre os pescadores e suas famílias.

Em reação às apreensões, ativistas de direitos humanos locais apoiaram a interposição de um recurso ao Governo da Província e, além de exigir a devolução dos equipamentos de pesca, propuseram a criação de uma comissão instaladora da cooperativa de pesca a linha (VOA PORTUGUÊS, 2010). Infelizmente, eu não tive a oportunidade de tratar do assunto com outros pescadores locais, nem de escutar outras versões sobre o assunto. Permanece esta questão como uma possibilidade de pesquisa futura sobre o comércio da pesca na região.

O meu terceiro e último retorno ao mercado do peixe próximo ao Porto Comercial do Namibe ocorreu três dias depois, desta vez no período da tarde. A estrutura do mercado estava muito diferente daquela que eu havia visto pela manhã. Agora estavam montadas pouco mais de duas dezenas de pequenas barracas, cobertas por panos coloridos amarrados em estruturas de madeira, quase todas ocupadas por mulheres que dispunham peixes de diversos tipos para a venda. Arraías, lulas, peixes frescos, peixes secos, peixes salgados.

Ao lado das barracas, separado por uma pequena rua inclinada, num galpão bastante degradado, encontrava-se uma estrutura com o nome “Mercado do Peixe”. Dentro da estrutura poucas pessoas, mulheres, e muitos peixes já abertos e limpos. Muitas moscas, por todos os lados, voavam e pousavam sobre os peixes expostos sobre lajes de concreto. O cheiro era bastante peculiar para os visitantes de primeira viagem. Saí do ambiente o mais rapidamente possível. Novamente eu estava do lado de fora, no mercado a céu aberto.

Logo atrás das barracas onde mulheres vendiam peixes, uma casa em cuja parede se lia, no alto, também com letras quase apagadas, “cooperativa dos pescadores”. A porta da casa encontrava-se aberta e alguém estava sentado no degrau que dava acesso ao imóvel. Aproximamo-nos da pessoa, nos apresentamos, e perguntamos sobre a tal cooperativa. O senhor, com muita dificuldade na fala, nos informou que retornou para aquela casa, aparentemente sua, depois que os inquilinos deixaram de pagar o aluguel. Nada mais.

De volta às barracas do mercado do peixe, caminhei em silêncio entre as mulheres que vendiam peixes. Certo de que o silêncio era a melhor estratégia. Minhas feições de estrangeiro, minhas roupas de estrangeiro, eu já sabia, não me deixavam passar despercebido, mesmo em absoluto silêncio, numa tarde azul e ensolarada do Namibe. Ao longo da caminhada, eu recebi muitas ofertas de peixes. Não respondi nenhuma delas. Apenas caminhei e observei, sem fotos desta vez.

Uma mulher que estava sentada numa calçada nos arredores das barracas batia forte e repetidamente dentro de uma lata de metal, comprida, utilizando-se para isso de um pedaço de pau, como se moesse algo lá dentro. O barulho e os movimentos chamaram a minha atenção. Eu não consegui evitar um olhar fixo sobre ela e suas mãos. Fui acordado do meu transe com a

mulher bradando em voz alta: “–O estrangeiro aqui vai voltar para o país dele, e lá vai dizer para todo o mundo: Essas angolanas sofrem!”

Um largo sorriso e uma gargalhada caudalosa se seguiram e contagiaram outras mulheres que observavam a cena. Acho que eu sorri, não tenho certeza. Achei graça, mas também fiquei perplexo com a lucidez da fala e da análise sobre mim, em minha inútil estratégia de caminhar em silêncio para conhecer melhor. Antes que eu pudesse processar toda a situação, outra mulher próxima dali, com ar de indignação, em pé numa banca de venda, logo arrematou: “–Esse aí não vai comprar nada. Só quer foto.” Verdade, pensei. Outra péssima estratégia de minha parte. Talvez para conhecer um comércio, enfim, seja imprescindível realmente participar dele, consumir aqueles produtos, de forma a garantir acesso às pessoas que podem falar sobre suas dinâmicas e suas questões.

3. A grande indústria do peixe no Namibe

Graças aos contatos abertos pelas autoridades e instituições locais, foi-me possível visitar ainda uma grande indústria do peixe, a SICOPAL (Sociedade Comercial e Piscatória da Praia Amélia), situada na província do Namibe. Fui recebido na própria indústria, localizada à beira mar, invadindo a praia e o próprio mar, rodeada por seus muros altos e eletrificados que garantiam acesso facilitado aos seus barcos de grande porte. O esquema de segurança para a entrada na sede da indústria era muito reforçado.

Já dentro da indústria, eu tive a oportunidade de conversar com o seu proprietário e seu filho. Por se tratar de uma primeira conversa, pedi que eles falassem abertamente sobre o comércio do peixe na experiência deles. Eles relataram que a indústria estava em fase de ajustes para se adequar aos padrões da União Europeia e, com isso, vender seus produtos (dos quais o caranguejo era o principal) por um preço três ou cinco vezes maior do que o preço em Angola.

Cada um de seus funcionários, dos mais de 150 que ali trabalham, informaram-me, podia, à época, levar consigo cerca de cinco quilos de peixe para casa, por dia. Fora da fábrica, no deserto, outros comércios menores se manifestavam em torno daquele grande empreendimento. Vendedores ambulantes. Até mesmo vendedoras de peixes. No mais, barcos

e carros abandonados, lixo de todos os tipos, restos e restos de peixes espalhados pelo chão. Nas redondezas próximas dali, uma bela pousada com bangalôs, ar condicionado e acesso sem fio à Internet, de frente para o mar.

Os proprietários levaram-me para conhecer todo o ciclo de produção da indústria, desde chegada do peixe nas grandes embarcações, até o seu processamento final para o comércio. Segundo o jornal Mercado, a indústria SICOPAL é o maior grupo piscatório do sul de Angola, com capacidade instalada para processar 175 toneladas de pescado e exportar, por ano, 26 toneladas de pescado, em especial para Taiwan (MERCADO, 2018). A seguir a foto de uma embarcação da empresa.

Figura 6: Embarcação da SICOPAL, grande indústria de peixe do Namibe.



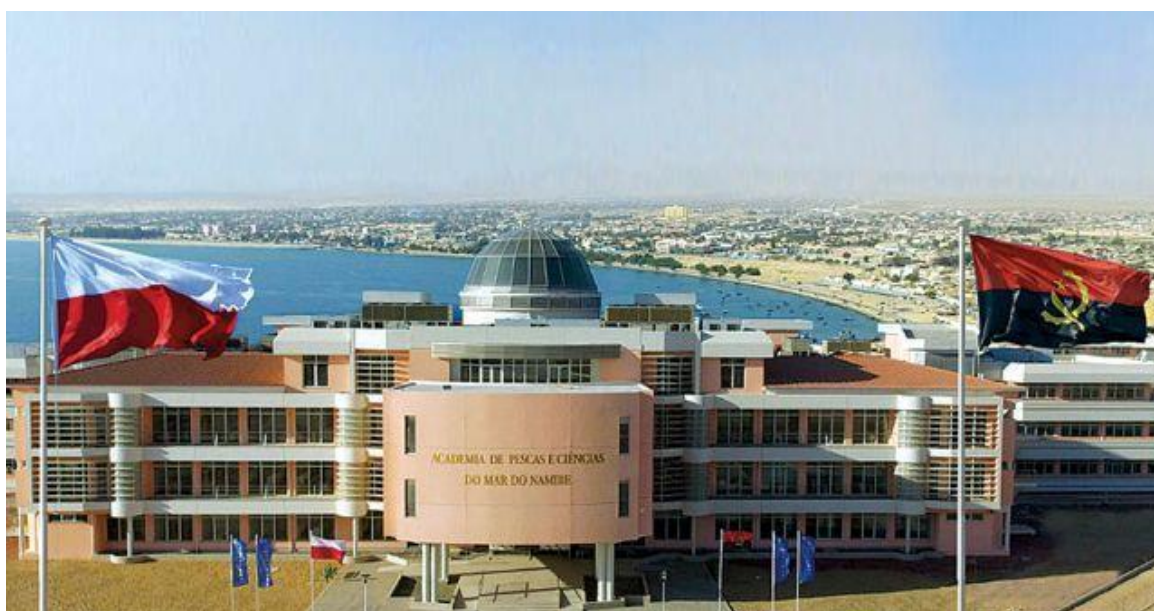
Fonte: (MERCADO, 2018)

Os proprietários da indústria lamentaram a ausência de mão-de-obra qualificada para trabalhar nas grandes embarcações. Mencionaram a boa iniciativa do governo provincial em criar a Academia de Pescas e Ciências do Mar do Namibe, mas se queixaram do longo tempo necessário para a formação de jovens e, mais importante para eles, da abordagem eminentemente teórica adotada pela Academia nessa formação. Em suas palavras,

absolutamente desconectadas tais abordagens da realidade diária da pesca no mar em grandes embarcações.

A dimensão e a estrutura da Academia de Pescas e Ciências do Mar do Namibe impressionam conforme se pode ver na próxima figura. Dela, depreende-se a importância atribuída pelo governo à pesca e aos assuntos atinentes ao mar na região. O autor foi até a Academia acompanhado do Sr. Marcelino Pegivaldo de carro, com a expectativa de poder entrar e conhecer melhor sua estrutura e seus cursos, mas não conseguiram autorização para ter acesso às instalações. A entrada fortemente guardada por policiais armados.

Figura 7: Academia de Pescas e Ciências do Mar do Namibe.



Fonte: (JORNAL DE ANGOLA; 2017)

Referências Bibliográficas

ANGOP. AGÊNCIA ANGOLA PRESS. Adolescente pratica pesca artesanal numa canoa arrojada no Mar do Tômbwa, província do Namibe. Disponível em https://www.angop.ao/angola/pt_pt/portal/multimedia/fotos-do-dia/2016/6/30/Adolescente-

pratica-pesca-artesanal-numa-canoa-arrojada-Mar-Tombwa-provincia-Namibe,dd2d43c8-d294-4f6f-bc9b-1a14155b8597.html, acesso em 17/02/2019.

ANGOP. AGÊNCIA ANGOLA PRESS. Município do Namibe passa a chamar-se Moçâmedes. Notícias: Sociedade. Disponível em http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2016/5/26/Municipio-Namibe-passa-chamar-Mocamedes,e2d3c6a4-aedd-4e23-bda3-6a4837dab018.html, acesso em 17/fevereiro/2018.

GOOGLE MAPS (2019). Vista aérea do Aeroporto Yuri Gargarin, Namibe (Angola). Disponível em <https://www.google.com/maps/place/Estacionamento+do+Aeroporto,+Angola/@-15.2626815,12.1412198,2170m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x1ba3d9e340511bc7:0x719fb6cc19078a5e!8m2!3d-15.2568351!4d12.1504524>, acesso em 01/mar/2019.

GOOGLE MAPS (2019a). Vista aérea da cidade do Namibe (Angola). Disponível em <https://www.google.com/maps/place/Namibe,+Angola/@-15.1967489,12.1178439,10463m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x1ba3d95bfb17becd:0xb3d98949b240eead!8m2!3d-15.1978317!4d12.1575544>, acesso em 01/mar/2019.

GOOGLE MAPS (2019b). Vista aérea em 3D das pontes sobre rio na Estrada Nacional 100, Namibe (Angola). Disponível em <https://www.google.com/maps/place/15%C2%B010'06.3%22S+12%C2%B010'05.4%22E/@-15.168403,12.1659903,654m/data=!3m2!1e3!4b1!4m9!1m2!2m1!1sNamibe,+Angola+ponte!3m5!1s0x0:0x0!7e2!8m2!3d-15.1684029!4d12.1681791>, acesso em 01/mar/2019.

JORNAL DE ANGOLA. Academia de Pescas é hoje inaugurada. Seção Reportagem. Publicada em 17/07/2017. Disponível em http://jornaldeangola.sapo.ao/reportagem/academia_de_pescas_e_hoje_inaugurada, acesso em 21/02/2018.

MERCADO. Sicopal exporta 26 toneladas de pescado. Notícias: Finance and Economy. Publicada em 06/dezembro/2018. Disponível em: <https://mercado.co.ao/negocios/sicopal-exporta-26-toneladas-de-pescado-XB298154>, acesso em 16/fevereiro/2019.

SAPO. Carapau está caro no Namibe. Economia e Finanças. Publicada em 12/01/2018. Disponível em: <http://jornaldeeconomia.sapo.ao/mercados/carapau-esta-caro-no-namibe>, acesso em 17/02/2019.

VOA PORTUGUÊS. Namibe: Pescadores artesanais impedidos de trabalhar. Publicada em 03/12/2010. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/article-12-03-10-namibe-fishermen-111273854/1259044.html>, acesso em 29/outubro/2017.

Rodrigo Pires de Campos: Professor do Instituto de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília (UnB).

Como citar este artigo:

Campo, Rodrigo Pires de; Peixes no deserto. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". N° 15, Abril, 2019, pp. 459-477 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41877.